Anais de Resumos Expandidos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

Visualização de dados em Comunicação: uma experimentação teórico-metodológica[1]

Data Visualization in Communication: a theoretical-methodological experiment

Leticia Ribeiro de Oliveira
Viviane Borelli

Palavras-chave: Desenho de pesquisa. Visualização de dados. Circuito comunicacional.

1. Introdução

Aparentemente, quando falamos em dados, remetemos a pesquisas quantitativas na área de estatística ou engenharia. Porém, os dados estão presentes nas nossas pesquisas em Comunicação, já estes não são apenas números exatos, mas sim uma multiplicidade de fontes, como números, textos, entrevistas, observações imagéticas, documentos, entre levantamentos qualitativos e quantitativos (Flick, 2009).

Para organizar e visualizar melhor estes dados, tanto em Comunicação, como em outras áreas, o desenho de pesquisa é comumente utilizado em pesquisas de caráter quantitativo, porém também pode ser aproveitado com o intuito de visualizar dados qualitativos, tendo em vista que o desenho auxilia na orientação e planejamento para nossas investigações acadêmicas (Flick, 2009). Além disso, o desenho de pesquisa também engloba métodos, técnicas e procedimentos que serão utilizados, adequando aos objetivos de estudo e conversando com a abordagem metodológica do trabalho e enfoque.

Para tanto, iremos apresentar um desenho de pesquisa que teve como foco uma

[1] Trabalho apresentado ao VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

experimentação teórico-metodológica para visualização de dados em formato de circuito de comunicação (Braga, 2017). Esta representação parte do conceito central de circuitos (Ibidem, 2017), que dialoga com o conceito de circulação e suas distintas abordagens (Braga, 2017; Borelli, 2020; Fausto Neto, 2018; Grohmann, 2020), em um contexto de sociedade em midiatização (Couldry & Hepp, 2020; Hepp, 2020; Verón, 2004) e na relação entre estes conceitos e a Inteligência Artificial (IA). Escolhemos dialogar com a IA porque, além de estar em relevância atualmente, o assunto relaciona-se com nossa pesquisa de Mestrado. Esta surge a partir de pistas (Verón, 2004; 2013) percebidos no vídeo vídeo "Gerações", peça publicitária da Volkswagen Brasil, em que a cantora Elis Regina, falecida desde 1983, foi "ressuscitada" para cantar ao lado da filha viva, Maria Rita. Isso foi possível graças ao uso de uma nova tecnologia, a *Deepfake*, ferramenta que faz uso da IA para "criar vídeos de pessoas com base em imagens e vídeos antigos, produzindo-se cenas inéditas" (Affonso, 2021, p. 221). A experimentação é resultado da disciplina de Métodos e Técnicas para Exploração de Dados de Pesquisa, ofertada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM).

2. Desenhar, literalmente?

Este subtítulo surge de uma inquietação ao ver o termo "desenho" de pesquisa. Seria, este, realmente um desenho? A resposta é: sim, temos que literalmente desenhar a pesquisa. A definição da palavra desenho, de acordo com o dicionário Oxford (2005), é a representação de seres e/ou objetos, seja por meio de gráficos, linhas e/ou figuras, para fins técnicos, ornamentais, industriais ou *científicos*. Talvez, à primeira vista, o termo ainda seja estranho, porém, muitos de nós, pesquisadores, desenhamos as nossas leituras para facilitar o entendimento do que está sendo apresentado em determinado texto, como na representação de esquemas, por exemplo.

No caso do desenho de pesquisa, Flick (2009, p. 72, grifo do autor) afirma que um "bom

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

desenho tem um foco claro e está construído em torno de uma *pergunta de pesquisa clara*". Ou seja, é preciso ter uma questão bem delimitada antes de iniciar o processo de criar o desenho. No nosso caso, selecionamos a pergunta inaugural para a construção do objeto empírico: quais pistas conseguimos observar durante o vídeo "Gerações" da VW Brasil que permitem tensionamentos com as teorias e metodologias interpeladas pela área da pesquisa científica comunicacional? Aqui, é importante ressaltar que, ao falar em pistas, nos referimos ao que Braga (2008) entende por estas, como indícios, sinais ou traços que possibilitam inferências sobre algo não imediatamente visível e que não oferecem uma verdade absoluta, mas sugerem significados a serem interpretados.

Após a apresentação da questão central desta pesquisa, avaliamos os tipos de desenho de pesquisa (Eppler e Pfister, 2014), pensando qual ou quais deles poderiam auxiliar na construção deste modelo experimental. De acordo com Epple e Pfister (2014), existem três classificações para os desenhos: conceitual (representação analítica), metafórico (representação intuitiva) e configuracional (representação prática).

Ademais, para acertar os tons de cores e de hierarquia dos elementos, recorremos a Knaflic (2019). De acordo com a autora, para a construção da visualização de dados, devemos pensar como designer, ou seja, explorar as affordances, a acessibilidade e a estética. As affordances se referem a algo que parece o que é, por exemplo, quando vemos uma porta, sabemos que é para abrir ou fechar. Knaflic (2019) também ressalta três aspectos importantes desta categoria, são eles: 1) destacar o que importa; 2) retirar possíveis distrações; e 3) criar uma hierarquia das informações. Já em relação à acessibilidade, devemos pensar que o desenho deve estar acessível a todos, sem limitações. Por último, a estética diz respeito a deixar o desenho bonito, literalmente. Estudos mostram que desenhos esteticamente mais agradáveis aos olhos "são mais prontamente aceitos e utilizados com o passar do tempo, promovem o pensamento criativo e a solução de problemas, e estimulam relações positivas, tornando as pessoas mais tolerantes a problemas nos designs" (Knaflic, 2019, p. 134).

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

Desse modo, percebemos que, para a nossa pesquisa, faria mais sentido utilizarmos os recursos conceituais e metafóricos (Eppler e Pfister, 2014), optando por cores neutras e que facilitam a leitura, além de proporcionar uma maior acessibilidade (Knaflic, 2019), como o preto, o branco e o cinza. Assim, vamos para a experimentação em forma de circuito teórico-metodológico para visualização de dados deste trabalho.

3. O desenho como forma de experimentação teórico-metodológica

Antes de apresentar o desenho de pesquisa, é importante conceituar, brevemente: a circulação, os fluxos contínuos e o circuito comunicacional. Entendemos que – sucintamente – é possível, na sociossemiótica, perceber a circulação de sentidos como Eliseo Verón (2004, 2013): um processo contínuo em que os sentidos podem ser produzidos, distribuídos e reinterpretados ao longo de diferentes contextos sociais. E também concordamos com José Luiz Braga (2017) quando, em suma, vê a circulação como trajeto que percorre a sociedade, dependendo da interação entre diferentes agentes sociais, em diferentes contextos. Para o autor, estamos, enquanto sociedade, incessantemente, em fluxo contínuo, ou seja, não há um ponto final para os discursos, sendo estes ressignificados e reapropriados em novas realidades.

Braga (2017) também conceitua o que chama de circuito comunicacional, uma rede interativa, dinâmica e aberta, onde a comunicação não termina na recepção, mas se prolonga na ressignificação e a circulação é contínua. Desse modo, pensamos em atrelar o circuito ao objeto empírico, resultando assim, na experimentação teórico-metodológica (figura 1).

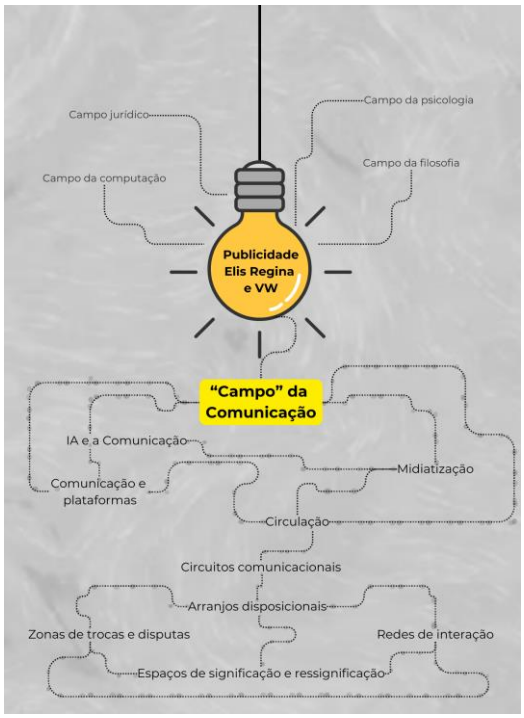
A primeira figura hierarquizada foi a lâmpada, simbolizando a ideia, que surgiu a partir do vídeo “Gerações”[2]. Seguindo a hierarquia, destacamos o Campo da Comunicação (Braga, 2011), para sinalizar como será visto o objeto, porém, em segundo plano, não

[2] Na figura, está representado por “Publicidade Elis Regina e VW”, pois se trata dos atores principais da peça publicitária, sendo mais fácil reconhecer o objeto empírico.

Anais de Resumos Expandidos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

descartamos as outras visadas acerca do objeto, tendo em vista sua complexidade. Depois, apresentamos os conceitos teóricos que guiaram a pesquisa, de forma que todos se complementam e estão em movimento, como em um circuito de fluxo contínuo. Por fim, ao fundo, representamos estes fluxos como linhas em movimento, que não seguem apenas um caminho[3].

Figura 1 – Desenho experimental em formato de circuito



Fonte: as autoras.

4 INFERÊNCIAS E CONSIDERAÇÕES

Após essa jornada de pesquisa, acreditamos que conseguimos desenvolver um desenho de pesquisa em forma de circuito teórico-metodológico para visualização de dados, para

[3] Por conta da situação comunicacional, decidimos apresentar o desenho animado, para melhor compreensão. Para tanto, basta clicar neste link ou acessar pela URL: https://bit.ly/desenho_experimentacao.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

dar conta da problemática de pesquisa em construção. Entretanto, é importante voltar à questão de que é preciso ter uma pergunta bem delimitada antes de iniciar o processo, ou seja, cada desenho será diferente e deve ser adaptado de acordo com os objetivos do pesquisador.

Também acreditamos ser importante ressaltar que, assim como a comunicação em si, a pesquisa não é um processo linear. Isto significa que, apesar de o desenho de pesquisa apresentar uma hierarquia, de modo com que facilite o entendimento do leitor, nos trabalhos acadêmicos, todas as partes são importantes, fazendo com que não exista uma hierarquia no sentido do que deve ser feito primeiro, mas sim "caos organizado". O que queremos dizer com isso é que, durante este processo, devemos sempre voltar ao que já foi feito, pensando como podemos melhorar, ou o que mudamos de ideia de acordo com nossas leituras e o que podemos retirar. Portanto, talvez seja possível pensar a pesquisa como um processo de fluxo adiante. Portanto, pensamos a pesquisa como um processo incessante de idas e vindas, sempre com tensionsamentos com novos conceitos e perspectivas (Borelli e Depexe, 2025).

Por fim, acreditamos ser importante pensar nas complexidades dos estudos em circulação de uma perspectiva em que seja necessário pensar em protocolos criativos de investigação (Fausto Neto, 2018; Borelli, 2024). Assim, propomos o desenho de pesquisa como um auxílio na organização de ideias, reflexões e produção de saberes. Ademais, apesar de sabermos que este exercício pode ser desafiador, tendo em vista que tivemos muitos processos de experimentação até chegar ao desenho final, este pode ser um momento oportuno para reflexões acerca da pesquisa, em que novas perspectivas podem surgir a partir do desenho de pesquisa.

REFERÊNCIAS

AFFONSO, F. J. M. O direito à imagem na era das deep fakes. **Revista Brasileira de Direito Civil**, v. 27, n. 01, p. 251–251, 9 abr. 2021.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZes**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 2, p. 73–88, 2008.

BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, Brasil, v. 25 n. 58: Ano XXV - 2011/1.

BRAGA, José Luiz. Circuitos de Comunicação. In BRAGA, J. L. et al (orgs), **Matrizes Comunicacionais.** A comunicação constroi a sociedade. Campina Grande: eduepb, 2017.

BORELLI, Viviane. A circulação dá o tom da conversa: espaço para comentários e construção de conhecimento. **Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais,** [S.l.], v. 1, n. 4, out. 2020.BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. 13ª ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BORELLI, Viviane. A problematização teórico-metodológica nas pesquisas de circulação e plataformas In: FERREIRA et al. **Plataformas, algoritmos e IA:** questões e hipóteses na perspectiva da midiatização, ed.1. Santa Maria, RS: Facos, 2024, v.1, p. 199 - 218

BORELLI, Viviane. DEPEXE, Sandra. Desenho de pesquisa: possibilidades, experimentação e práticas pedagógicas. 2025. No prelo.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. A construção mediada da realidade. São Leopoldo: Unisinos, 2020.

EPPLER, Martin J.; PFISTER, Roland A. **Comunicação visual:** como utilizar o design thinking para resolver problemas e se comunicar melhor em qualquer situação. São Paulo: Elservier, 2014.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, v. 6, n. 2, p. 08-40, 7 jul. 2018.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

GROHMANN, Rafael. O que é circulação na comunicação? Dimensões epistemológicas. **Revista Famecos**, v. 27, n. 1, p. e35881-e35881, 2020.

HEPP, Andreas. **Deep mediatization.** Routledge, 2019.

KNAFLIC, Cole Nussbaumer. **Storytelling com dados:** um guia sobre visualização de

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

dados para profissionais de negócios. 2.ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2019.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo: Unisinos, 2004.

VERÓN, Eliseo. **La Semiosis Social 2:** Ideas, momentos, interpretantes. 1ª Ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.